

**SINGULARIDADE ENTRE  
DEUS E O DIABO AO SE  
ESTUDAR A QUESTÃO DO  
PACTO LITERÁRIO EM  
NARRATIVAS DE RICARDO  
GUILHERME DICKE**

*UNIQUENESS BETWEEN GOD  
AND THE DEVIL BY  
STUDYING QUESTION OF THE  
COVENANT IN LITERARY  
NARRATIVE BY RICARDO  
GUILHERME DICKE*

**Gracilene Martins Batista de Assis<sup>1</sup>  
(UNEMAT)**

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos Literários pelo Programa de pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). CEP: 78.300-000, Tangará da Serra-MT. Pesquisadora Independente. E-mail: lena.gracilene@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo investigar os pontos convergentes e divergentes na interpretação do mito fáustico, em relação aos clássicos da literatura universal que abordam esta temática. Isto em relação com a literatura contemporânea de Ricardo Guilherme Dicke. De tal modo, expor que as narrativas dickeanas possuem condições de igualdade ao dialogar, no mesmo nível, com os cânones, uma vez que é a representação da natureza humana que está em debate. Além disso, compreender o processo de construção de Deus e do Diabo nessas ficções, com respaldo teórico e crítico, que ora expõem as singularidades, ora as trivialidades desses seres mitológicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Singularidade, Deus, Diabo, Homem, Ricardo Dicke.

**ABSTRACT:** This article aims at investigating the convergent and divergent interpretation of the Faustian myth, in relation universal literature classic's what this approach to deal with theme, contemporary literature Ricardo Guilherme Dicke's, of the on do parallel between they. So, the such dickeanas narratives way, to exhibit what the condition own equality have equal conditions for dialogue at the same level whit the Canons, since it is the representation of human nature that is under study. In addition, understand the process of construction God and the Devil in those fictions, with theoretical and critical support, which now expose the singularities, now the trivialities of these mythological beings.

**KEYWORDS:** Uniqueness, God, Devil, Man, Ricardo Dicke.

Ao pensarmos na elaboração deste artigo, veio à mente a questão da singularidade entre Deus e o Diabo, uma vez que cada um é singular em suas atitudes, comportamentos e ações, porém são semelhantes ao exigirem a fidelidade de seus seguidores. Sendo assim, conjecturamos, primeiramente, a filosofia nietzschiana que tenta provar por meio da razão, que Deus não existe, é simplesmente uma criação humana, criado pelo homem para confortar a

humanidade e a si mesmo na crise existencial. Nesta perspectiva, a morte física representa a passagem da vida terrena para a eterna, com a libertação da alma, que poderá ir à Terra Prometida/Paraíso/Céu como recompensa a quem seguir fielmente a doutrina de salvação. De tal modo pensamos em relação ao Diabo, que é também um mito humano, diferentemente de Deus, cuja recompensa é além-túmulo, a daquele é no aqui e agora.

Na literatura, recordamos de *Paraíso Perdido* (2003), de John Milton, no qual o autor tinha a intenção de enaltecer a Deus, entretanto, realiza o oposto do planejado, exalta a Satanás. E a *Divina Comédia* (2003), de Dante Alighieri, narra como seria o Inferno, o Purgatório e o Paraíso e expõe o destino do homem que seria passar a eternidade em um destes ambientes, tão comentado pela religião e consolidado pela ficção literária.

Na Filosofia temos diversos filósofos que discutem a questão da existência ou não de Deus. Já na ficção literária temos as duas vertentes que tratam tanto da existência de Deus quanto a do Diabo. Esta é a temática que norteará o presente artigo: o pacto humano com Satanás.

Deste modo, trataremos de determinados aspectos comuns e diferentes nas narrativas que abordam o pacto fáustico, como: o que levou a *persona* a fazer o acordo?; como foi realizado?; o benefício foi atingido?; qual o desfecho e os nomes que se reportam a Lúcifer? Iniciaremos com *Rio abaixo dos vaqueiros* (2000) do escritor mato-grossense, Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008) e finalizaremos com a referida obra, e as demais narrativas dickeanas, *Toada do esquecido & sinfonia eqüestre* (2006) e *Caieira* (1978), serão intercaladas com *Fausto* (2002) de Johann Wolfgang von Goethe, *O retrato de Dorian Gray* (2006) de Oscar Wilde, *Grande sertão: veredas* (2001) de João Guimarães Rosa e *Doutor Fausto* (2011) de Thomas Mann.

No romance *Rio abaixo dos vaqueiros* as personagens Velho e Absalão realizam pactos com o Diabo, na primeira, há um ritual para selar o concerto e na segunda, apenas um acordo verbal, como mostraremos nesta pesquisa.

A personagem Velho deseja ser o homem mais rico e famoso do vilarejo de Rio Abaixo dos Vaqueiros e conquistar muitas mulheres. Para alcançar o seu objetivo decide seguir a sugestão do amigo misterioso, João Baaraboz de realizar um pacto com o Diabo. Compreendemos que a maioria dos homens são movidos pela ambição do ter em detrimento do ser e, em nome desta ambição, autodestrói-se. O que João Baaraboz diz vem ao encontro dos desejos do Velho de ser o mais rico, ter muitas mulheres, ser glorificado e ter seu nome na História. Mas qual seria o preço a pagar para ficar na História e a se submeter às forças ocultas?

A personagem é semelhante à maioria dos homens que vivem em busca de realizar os seus desejos e em nome dessa vontade, é capaz de atrocidades como a guerra, ou mesmo vender a alma ao Diabo. Segundo o Cristianismo, o pacto feito com o Diabo é o pior ato que o homem pode cometer, pois deixa de ser cristão e a alma passará à eternidade sofrendo e sendo torturada pelo Demônio, no inferno.

Notamos que a personagem Velho possui vários questionamentos em relação ao pacto que deseja fazer com Lúcifer “[...] e Deus? Deus gostaria? Mas se Deus era tudo isso, Deus era quem tinha criado o Coisa-Ruim, fora ele o seu próprio feitor, era o dono de todas as coisas, o forte fazedor de tudo. O Demo existia com a sua permissão.” (DICKE, 2000, p. 184). Esta questão, formulada pela personagem Velho, faz parte da curiosidade humana. Isto nos leva a perguntar conjuntamente questões como: Por que Deus criou Satanás? Por que permite que ele exista? E por que permite que o homem faça pacto diabólico? Portanto, embasaremos na mitologia cristã para responder a esse questionamento localizado no Livro de Isaías:

Você pensava: ‘Vou subir até o céu, vou colocar meu trono acima das estrelas de Deus; vou sentar-me na montanha da Assembleia, no cume da montanha celeste. Subirei até as alturas das nuvens e me tornarei igual ao Altíssimo’. E agora, aí está você precipitado na mansão dos mortos, nas profundezas do abismo. (14: 13).

Percebemos se tratar da expulsão de Satanás do céu, já que esse se rebela contra o seu criador. Tem orgulho de sua perfeição, nutre o desejo de ser como Deus ou mais poderoso do que esse, de subir aos céus e erguer seu trono, acima de todas as estrelas. Entretanto, não conseguiu estabelecer um novo reinado no céu, assim, assume o comando do sistema mundial da Terra, opondo-se a Deus. Lúcifer (anjo de luz) passou a ser conhecido como Satanás/Diabo/Demônio/Legião entre outros termos, aquele que é adversário de Deus, acusador dos homens e rei das trevas.

Eis que a personagem Velho decide fazer o pacto e vai à encruzilhada do cemitério, à noite, antes de iniciar o ritual, “Alguém deu uma risada. Era uma coruja: – Evém amanhã, evém amanhã.” (DICKE, 2000, p. 184). E após ter feito o pacto, “Só a coruja repetiu gravemente: – Evém amanhã, evém amanhã” (DICKE, 2000, p. 184). Sabemos que a coruja é a ave de Atena (Minerva), ave noturna, símbolo da sabedoria, relacionada com a lua; e que entre os astecas, é o animal simbólico dos deuses do inferno. Nos dias atuais algumas seitas a tem como a divindade da morte e a guardiã dos cemitérios.

Transcrevemos como se realizou o pacto da personagem Velho com o Diabo

[...] tirou o punhal e pensando forte o pensamento do pacto, correu. Moveu o braço, sangue derramou-se naquele chão. Abotoou a manga guardou o punhal e olhou: nada, ninguém, o silêncio campeador da noite quebrava das alturas. [...] viu dois olhos vermelhos que emergiam do escuro à sua frente, desenhava-se na noite a cara de um bode. Entre os dois chifres uma luz, a barba seus olhos que o olhavam, flutuando na sombra. Seu coração sentiu que esfriava daquele frio que embaraçava tudo. [...] Tirou o seu punhal de prata da cinta e mostrou. Brillou cintilando por um instante breve à luz do rio transparente da lua. Tentou falar, mas as palavras não saíam. [...] O bode se afastou. Sentiu um peso infinito no punhal guardado em sua bainha. Escuridão enorme que abotoava todas as coisas. E os olhos foram-se apagando como o vagalume quando voa e se distancia (DICKE, 2000, p. 184).

O fragmento expõe que a personagem sente medo, contudo, não desiste de seu objetivo e o pacto é selado no momento que sente um peso infinito no punhal que estava guardado em sua cintura. Conforme Northrop Frye, “[...] as imagens apocalípticas da poesia associam-se estreitamente a um céu religioso, assim seu avesso dialético une-se intimamente a um inferno existencial, como o Inferno de Dante, ou como o inferno que o homem busca criar na terra [...]” (1957, p. 148). No excerto, a imagem apocalíptica é representada pelo bode expiatório, de escravidão e aflição, com olhos vermelhos que são ressaltados na escuridão, deste modo, reproduz toda a simbologia do ato vivido pela personagem, cujo pacto resulta em dar a alma a Satanás.

Com a realização da aliança, a personagem Velho medita,

Será que a alma dos homens também não voltaria como as flores e as sementes retornam sempre? E pensava nas transmigrações, os espíritos emigrando em idade até se desfazer no fim de tudo, em Deus, no êxtase, no Nirvana, no tudo da Totalidade do Uno da divina Unidade, pois que se tudo tem também um fim. (DICKE, 2000, p.193).

Neste trecho, a personagem demonstra que possui muitas dúvidas em relação à existência da alma, se o homem retorna à vida qual seria o formato? Será que reencarna em outras pessoas? Tudo é muito vago, incerto, Deus quem é? Na verdade, quem Ele é? Para onde vai? Existe um fim? Passará desta para outra vida? Tudo é incerto. Ele chega à conclusão que vive de suposições e acredita em um Ser maior que supostamente seja Deus, para libertá-lo do martírio que ocupa o seu pensamento.

De acordo com a pesquisa, compreendemos, por meio da leitura do romance, que as dúvidas e certezas que a personagem Velho possui são as que alguns homens têm. Portanto, perguntamos quem é o Diabo? Será alguém com alto poder? E porque na aliança o objeto de troca é a alma do pactuário? Conforme a personagem,

após o pacto deixou de ser “[...] um João-ninguém, um zé dos chinelos [...]” (DICKE, 2000, p. 223) e passou a ser rico, poeta e teve longevidade. Porém, em troca da ajuda foi cobrada diversas vezes a morte desse, uma vez que para Satanás apossar da alma dele, necessário se faz a morte. Portanto, entendemos por meio da representação ficcional da personagem Velho e Homem, que o Diabo é o próprio homem<sup>2</sup> que, em troca de um “favor”, cobra-se do outro um preço muito alto pelo préstimo. Alguns seres humanos são ambiciosos, só pensam em si mesmos, em prejudicar o próximo, enganar, lucrar com a exploração do outro, sempre cobra por tudo que faz. Isto denota que o homem é um ser do mal? Não, pois estes comportamentos são típicos de algumas personalidades humanas que possuem em si a confluência do sagrado e do profano.

Entendemos com as leituras dos romances e da teoria literária e filosófica que o homem criou um Deus benigno, a quem deve seguir à risca os seus preceitos para, pós-morte, a alma alcançar o reino celeste. Também criou o Diabo, com o qual consegue fazer um pacto para desfrutar, nesta vida, as maravilhas terrestres que desejar e, quando morrer, a alma irá para o inferno. Neste sentido Frye afirma que

Assim como os anjos, os demônios se associam a imagens celestes. No nível inferior são demônios do temporal e da tempestade, e seu líder é descrito como ‘o príncipe das potestades do ar’, na Epístola aos Efésios, 2: 2. Satã cai como um raio (Lucas, 10: 18), e a morada dos espíritos do mal tradicionalmente é uma prisão de calor sem luz, [...] Não é possível a existência de um Deus demoníaco na acepção precisa, mas o líder dos demônios, usualmente conhecido por Satã (cujo nome significa ‘inimigo’ ou ‘adversário’), pode pôr-se no papel de um Deus e se encarnar em vários agentes do Anticristo (FRYE, 2004, p. 199-200).

Constatamos que o homem necessita acreditar em algo superior a si, por isto criou vários tipos de mito que são denominados/ transformados em seitas ou correntes religiosas como: o cristianismo, o islamismo, hinduísmo, judaísmo, budismo, candomblé, umbanda,

luciferina e satanismo. Deste jeito, alguns homens alternam entre as religiões consideradas pela sociedade como sagradas e as profanas. Cada qual com o seu deus de luz ou escuridão, que deve ser o único venerado por ele, porém, concluímos, com as leituras empreendidas para esta pesquisa, que o ser humano não é fiel a nenhum de seus deuses, só a si mesmo.

Embora tenha conquistado tudo o que almejava com o pacto, a personagem Velho não era feliz, gostaria de ter a sua vida simples de antes, pois havia cometido um engano e queria que Deus assentisse, compreendesse e o libertasse deste acordo. Após a aparição de uma sombra azulada que clamava pelo Velho, a qual cobrava a sua parte no acordo que era a alma dele, a personagem começa a pensar como era importante a sua alma:

Minha alma vale muito, vale tudo, até o Céu e a Terra, até a graça de Deus, minha alma vale o Universo inteiro [...] a alma do homem vale mais que tudo, o ouro do mundo, vale a paz eterna, que vale mais que tudo, os tesouros da face da terra, pois vale a eterna visão de Deus. Ambição do poeta. Como, pois, que minha alma estava vendida irremissivelmente ao Diabo? (DICKE, 2000, p. 194).

A personagem Velho chega à conclusão de que somos um composto entre corpo e alma e que a alma é energia Divina; é a existência além da matéria, além do corpo e dos sentidos, é a identidade interior do ser que permanece viva depois de sua morte. Por este motivo, arrepende-se de ter vendido a sua alma, pois ela passará a eternidade sofrendo nas trevas. Caso conseguisse ter a paz eterna e ficasse ao lado de Deus, isto o tornaria feliz? Não. Visto que a falta/insatisfação que realmente o Velho sente, não fora preenchida com toda a riqueza, mulheres e ser poeta, tendo em vista que sempre estará faltando algo em sua vida. “Porque desde o nascimento, o ser humano sente falta de algo que teve e não tem mais, como o conforto do útero materno. Em razão disso, pela vida afora, sempre sentirá falta e assim coloca-se em busca de algo que o



complete e preencha a insatisfação causada outrora.” (PERRONE-MOISÉS, 1992, p. 104). Quando este vazio é finalmente preenchido, eis que surge uma nova falta, pois a vida é um ciclo que sempre gira em torno do desejo do homem, ou melhor, da falta que este sente e a necessidade de supri-la.

Assim surgem outros questionamentos em relação à existência de Satã: “Será que existe mesmo o demo, ou será que tudo não passava de uma grande impressão tomada de propósito? [...] O demo aceitara sua alma? Quem era o demo? O que do demo existia? Essências dele? (DICKE, 2000, p. 253). Destacamos que a personagem Velho passa muito tempo refletindo sobre a existência de Lúcifer, propõe diversas perguntas que nunca consegue responder. Ao mesmo tempo em que duvida, acredita nele, entretanto, reza para Deus, porém, não consegue livrar-se de João Baaraboz e nem do fascínio que a música dele produz sobre si. Entendemos que o comportamento inquietante da personagem, de certa forma, tem haver com a concepção do cristianismo de que

[...] o inferno se torna então uma metáfora mista, sem esperança, significando: a) a vida humana criada pelo mal humano; b) o mundo da morte eterna que é o abismo ou profundidade do nada; c) um mundo de tortura aplicada exteriormente que não tem fim no tempo. Este último aspecto provou-se uma alavanca política muito poderosa [...] (FRYE, 2004, p. 102).

Nesse momento, torna-se explícito que o Velho, antes do pacto, não tinha nenhuma preocupação com a alma, até mesmo por este fato realizou o pacto com Satanás. No entanto, depois do acordo e, principalmente em seguida à primeira cobrança do credor, começa a pensar no ato praticado e na existência do demônio. Na narrativa, a personagem não demonstra ser uma pessoa religiosa, contudo, possui arraigada em seu ser, a doutrina cristã e toda a mística vinculada ao inferno. Em consonância com Frye, a única coisa que o Cristianismo conseguiu com a simbologia interligada ao diabo, ao

pecado e à culpa é “[...] fazer do pecado algo criativo: quer dizer, a humanidade deve infinitamente mais aos pecadores que continuam a pecar apesar da doutrina do que aos pregadores que tentaram refrear o pecado ameaçando-a com ela” (FRYE, 2004, p. 103). Notamos este fato na atitude da personagem Velho.

Já a personagem Absalão também faz o pacto, porém não tem esta crise de consciência que o Velho possui acerca do ato realizado, bem como a aliança não teve nenhum rito, foi mais um ajuste entre Absalão e João Baaraboz, o representante de satã. O pacto foi realizado, deste modo:

Mestre João Baaraboz contou a Absalão dos longos cabelos que no garimpo do Aparecido Auroro seu padrinho, a mina procurada estava assinalada por uma pedra com forma de cara de cachorro. Cave ali e acharás. Mas um dia quero a paga por este serviço, está disposto? Ele respondeu que sim. Viera de Salvenosdeus, ou Salve-O-Divino com seis sacos de ouro puro. Na hora de pagar, quando o mestre João Baaraboz lhe pediu a conta do serviço, que era ir-se com ele para um lugar distante, entrando nas solidões das serras, só eles dois, ele não quis, negou-se. Então partir com ele para as solidões era a paga? Não foi (DICKE, 2000, p. 392).

A personagem Absalão, depois de fugir do pai, enveredou-se pelo garimpo que era do padrinho Aparecido Auroro. Sabia que o padrinho havia encontrado ouro naquele lugar e escondido em alguma parte daquela gruta. Durante muito tempo procurou o ouro, mas não obteve êxito. Só localizou o metal amarelo, após o pacto. O representante do diabo não permitiu que Absalão usufruísse por muito tempo da fortuna. Logo cobrou o preço, Absalão recusou a proposta e em seguida morreu. Conforme a profecia que cercava o ouro, quem encontrasse o metal morreria dependurado pelos cabelos e, deste jeito foi o fim da personagem.

Na peça teatral *Fausto*<sup>3</sup> o pacto principia no céu entre Mefistófeles e o Senhor em relação à retidão e servidão da

personagem Fausto. Este fato nos remete à passagem bíblica de Jó em relação ao diálogo de Deus com o Satanás, no qual os dois fazem uma aposta e o Diabo tem a permissão de tentar Jó para ver se este blasfema contra seu Deus, porém não obteve êxito. Com Fausto, Lúcifer tem a “permissão de levá-lo [consigo] e de traçar-lhe a sina” (GOETHE, 2002, p. 23). Com a autorização de Deus, ele tem alguns encontros com Fausto e o induz a fazer um pacto. Contudo, Fausto não é ingênuo, no acordo, coloca uma cláusula para que Satanás fique com sua alma

Se estiver com lazer num leito de delícia / Não importa morrer! Assim fico liberto! / Se podes me enganar com coisas deliciosas, / Doçuras a sentir, prazeres! Alegria! / Se podes me encantar com coisas saborosas, / Que seja para mim o meu último dia! / Quero firmar o acordo (GOETHE, 2002, 72/3).

Para o Diabo se apossar da alma de Fausto, terá que lhe proporcionar felicidade intensa. Neste sentido, entendemos que o Diabo foi ingênuo ou não soube analisar a proposta do pactuante. Pois, segundo o que já foi mostrado nesta pesquisa, o homem nunca estará satisfeito ou completamente feliz, porque sempre estará faltando algo que o complete, sendo assim, podemos imaginar quem perdeu as duas apostas, a celeste e a terrena. No entanto, Suzi Frankl Sperber (1992, p. 75) afirma que Mefistófeles não se dirige contra Deus, mas contra a vida. Quando Fausto exclamar que encontrou a felicidade plena a vida encerra e a alma dele estará perdida. A batalha de Mefistófeles é contra a vida, a principal criação divina, pois a vida é movimento, mudança, transformação, deseja justamente o repouso, a imobilidade, a morte. Porém, a sua ação é contraditória ao tentar fazer o mal, acaba fazendo o bem, uma vez que impulsiona Fausto a abandonar uma vida metódica, quase santa, para viver intensamente todos os momentos, até se encontrar em um estado de êxtase total e, assim, poder levá-lo consigo para o seu reino infernal.

Desta forma, Fausto sai sempre em companhia de Lúcifer e tudo que almeja o companheiro realiza, até dar-lhe para beber um elixir que o deixa mais atraente e jovem. Porém, a bebida não possui tanto poder, posto que conhece Margarida que o rejeita, então o amigo cupido dá um jeito dela ficar fascinada pela personagem. Por causa do relacionamento íntimo com Fausto, perde a mãe, que morre após beber um elixir para dormir e o irmão, que morre ao tentar lavar a honra da família, por fim, o namorado a abandona para continuar procurando o prazer supremo da vida. Compreendemos que é Margarida quem sofre as consequências do pacto realizado por Fausto, além de perder a família, fica grávida, tem o bebê e num ato de desespero, mata a criança, é presa e condenada à morte pelas autoridades.

A personagem Fausto, ao saber do acontecido com a ex-namorada, discute com Mefistófeles e o acusa de causar o sofrimento da garota, todavia, o Diabo diz que o único culpado do ocorrido é ele próprio e não deve se esquivar de suas culpas projetando-as na outra pessoa. A dupla elabora um plano para salvar Margarida da morte, mas esta se recusa a sair da cela, prefere a morte a ter uma vida de martírio, visto que nunca mais terá paz em sua consciência. Ao descobrir que um dos seus libertadores é Satanás pede a misericórdia divina. “A ti pertença, Pai! Salva-me, oh salva-me! / E vós, anjos! / Sagradas cortes celestiais / Em redor parai! / Protegei-me e guardai! / Henrique, eu te contemplo, agora, horrorizada!” (GOETHE, 2002, p. 215).

Salientamos que, diante do contraventor de Deus, Margarida tem uma atitude apavorada e, ao mesmo tempo, segura da fé cristã que congrega, prefere novamente a morte e pede a salvação da sua alma do que a liberdade que está sendo ofertada. A personagem conheceu o sagrado e o profano provocado pelo desígnio humano e teve a oportunidade de optar entre desfrutar uma vida terrena (profana) ou uma vida celeste (sagrada), escolhe a morte, pois acredita que terá uma recompensa. Fausto opta pelo profano e vai com Mefistófeles, posto que sabe do seu destino final e esta questão

não lhe aflige. “Assim, Fausto reflete o indivíduo que não afasta totalmente de si o obscuro, ou o erro, e inclusive os seus impulsos, o homem que vive de acordo com seus próprios princípios e se vê livre para escolher entre o bem e o mal” (KAIMOTI, MOREIRA, 2012, p. 97).

Esta ação humana é retratada em “Toada do esquecido”, conto de Ricardo Guilherme Dicke, no qual as seis personagens: El Diablo, Cavaleiro, La Muerte/Gepetto, Zabud Malek, Elpenor e Palinuro fazem um pacto, diferente dos demais, este é o próprio homem sem a intervenção de nenhuma força sobrenatural e estabelece as normas do contrato

– É bom para nós todos que ninguém saiba um quem é o outro, quem é ninguém entre nós, formalidades – diz o Cavaleiro aproximando a carantonha perto dos outros três com o dedo em riste aflautando a voz para que pensem que é mulher –, para que ninguém de entre nós roube o ouro de cada qual. Foi o jurado, o juramentado e o prometido entre nós, pacto de vida e morte do qual ninguém jamais poderá desfactuar enquanto por aqui estejamos a errar nesta errância, a não ser Deus, até que cheguemos a bom chegar ao termo da nossa viagem que ninguém profano poderá saber. Ninguém de nós tem roupas para se mudar e, já que estamos assim, assim ficaremos até segunda ordem: ninguém pergunta nada. É a lei. Formalidades (DICKE, 2006, p.17).

Então as personagens fizeram um pacto de silêncio para não revelarem nada do seu passado, bem como de negação da identidade, haja vista que deveriam ser chamados pela fantasia que usavam e, em hipótese alguma, deveriam tirá-la. Eram seis estranhos liderados por El Diablo que se uniram em prol do mesmo objetivo: roubar alguns sacos de ouro do garimpo o Esquecido em Rondônia, mais especificamente do barraco da peruana El Sapo, e, durante a fuga, deveriam manter a convenção e com o término desta, cada um seguiria seu rumo sem saber nada da vida do comparsa. Portanto, o:

[...] ficcionista Ricardo Guilherme Dicke em *Toada do Esquecido* (2006) preparou um enredo que não apenas intriga a alma humana, mas mexe com o que mais afeta a sociedade pós-moderna do século XXI, o ser e o ter, dicotomias que não são antigas e jamais serão, pois elas estão intrinsecamente atadas aos seres humanos (SOUZA, 2012, p. 93).

As *personas* são capazes de abrir mão do ser em busca do ter, serem fiéis ao propósito a que se propõem, quando um tenta saber o nome de batismo do outro é lembrado do trato, ou até mesmo quando pede para tirar a máscara, pois deste modo, pode ver a feição do interlocutor. Sendo que para eles o importante é o ter, por isto se mantêm juntos, e ao mesmo tempo separados, em uma viagem solitária para preservar a riqueza que possuem naquele momento. Porque a maior riqueza que possuíam, aos poucos se perde, que é a identidade, viver em um ambiente confortável e seguro, ter a paz interior, mas terminam com a morte dos seis, inclusive da assassina, El Diablo.

Interpretamos, por meio das personagens, que a ambição de alguns homens não tem limite, busca a fortuna em todos os lugares e de todas as formas possíveis: na alegria, na tristeza, na saúde, nos mais diversos tipos de malandragem e crime e, até mesmo, com a morte. Esta, na Idade Média, era cultuada como um momento nobre, onde o morto tinha um destaque nas casas das pessoas, era velado na sala de estar e a família tinha orgulho em dizer que naquele lar teve um funeral. Já as personagens não têm nenhum tipo de consideração pelo corpo do companheiro assassinado, deixando-o no meio do nada, visto que não têm tempo, não querem ter trabalho em cavar uma cova, por terem receio de ser o próximo e, na ânsia de fugirem do local, abandonam o morto sem ao menos enterrá-lo. Este fato nos faz recordar da personagem Aquiles que, na epopeia *Iliada*, após matar a personagem Heitor no duelo, não permite que a família lhe dê um funeral e menos ainda que o sepulte.

Depois de matar todos os parceiros, a personagem El Diablo percebe que o ouro vazou do saco e ficou no meio do caminho e

todo o esforço que teve para ficar com a fortuna não teve nenhuma serventia. Mediante a angústia que toma conta de si e sem perceber, perde a direção do carro e morre em consequência do acidente, na mais extrema pobreza do ter e do ser. Diferentemente em relação ao poder aquisitivo da personagem Dorian Gray, do romance *O retrato de Dorian Gray* (2006), de Oscar Wilde (1854-1900), que é um jovem rico que cultua a beleza como o sentido prioritário da vida. E, em nome da beleza eterna, faz um pacto com o retrato.

Por meio do narrador onisciente, intruso, sabemos que a personalidade do jovem sofre o processo de transformação, saindo da fase adolescente para a adulta, isto é, seu caráter está em formação. Entretanto, demonstra ser egocêntrico, arrogante, vaidoso, maleável à influência dos amigos: Basil Hallward e Henry Watton. A personagem Basil Hallward passa a maior parte de sua vida envolvida com a própria arte, é pintor, é a primeira personagem a aparecer no romance falando justamente ao amigo Henry da amizade com Dorian e o fascínio que este possui sobre si. Entre uma pincelada e outra bajula, atende a todos os caprichos do amigo mimado que pousa para o quadro que pinta. Ao ver o seu retrato, Dorian compreende toda a plenitude da sua beleza.

Já a personagem Lorde Henry Watton é o oposto de Basil, que ocupa o seu tempo em não fazer nada, sendo um dândi, pertence a uma família aristocrática. Logo, ocupa-se dos mais diversos eventos londrinos como: almoço, visita, leitura, clube, chá da tarde, jantar, ópera, teatro. Um dia ao visitar Basil, fica curioso para conhecer o jovem que despertou, no retratista, a paixão. Ao ser apresentado a Dorian, fica encantado com a beleza do rapaz. Nesse primeiro encontro, a personagem discorre em relação a grandiosidade de ser belo, o pecado e o poder que a beleza possui sobre o outro. Percebe a fragilidade/ingenuidade de Dorian e, articuladamente, busca envolvê-lo a aderir à sua filosofia de vida.

Comprendemos, com o psicanalista Freud, que Basil seria o *ego*, a consciência racional, desta forma, dá bons conselhos e expõem

a importância dos valores humanitários e morais da sociedade inglesa do século dezenove, isto é, o traz para a realidade e lhe mostra que pode desfrutar dos prazeres da vida, porém com cautela e responsabilidade. Henry seria o *id*, o impulso que o incentiva a sempre aproveitar da beleza que possui em busca de viver inconsequentemente os prazeres mundanos. Notamos este fato no comentário da personagem Henry “A única maneira de se livrar de uma tentação é ceder-lhe. Resistimos-lhe, e a nossa alma adoecerá de desejo do que proibimos a nós mesmos [...] é no cérebro, é só nele, que ocorre os grandes pecados do mundo. (WILDE, 2006, p. 28-29). Constatamos que Henry observa o efeito do seu diálogo no jovem e espera pacientemente para o próximo ato, pois tem certeza que o novo amigo aderirá seu modo de vida. No romance, notamos a confusão psicológica que a abordagem da personagem causa em Dorian. O que o novato dizia, dava-lhe um brilho no olhar e tocava em seu íntimo, trazendo vibrações, agitações e pulsações que raramente sentia. Via diante de si a possibilidade de um mundo novo, colorido, cheio de vida e sem regras. Pois ao ouvir “Viva! Viva a vida maravilhosa que tem em si! Não desperdice sequer as migalhas. Procure sempre as sensações novas. Não tema nada...” (WILDE, 2006, p.32), opta pela amizade de Lorde Henry, tendo em vista que a ideologia dele vai ao encontro de suas vontades.

Finalmente, quando o retrato de Dorian fica pronto, Basil chama os amigos para ver a sua obra-prima. Henry fica deslumbrado com a formosura e perfeição de Dorian, este também fica extasiado com a magnitude da sua beleza desenhada no quadro à sua frente e, ao mesmo tempo, estático, somente naquele momento percebeu o quanto é belo e que a beleza é efêmera.

Dorian, diante desta constatação protagoniza a seguinte cena:

– Que tristeza! – Murmurou Dorian. – Que tristeza! – Repetiu, com os olhos cravados na sua efígie. – Eu ficarei velho, feio horrível. Mas este retrato se conservará eternamente jovem. Nele, nunca serei mais idoso



do que neste dia de junho... Se fosse o contrário! Se eu pudesse ser sempre moço, se o quadro envelhecesse!... Por isso, por esse milagre eu daria tudo! Sim, não há no mundo o que eu não estivesse pronto a dar em troca. Daria até a alma! [...] No mundo só vale a mocidade. Quando achar que estou envelhecendo, suicidar-me-ei (WILDE, 2006, p. 36).

Observamos no fragmento que Dorian, a princípio, está confuso, pois antes Lorde Henry ardilosamente discute sobre a importância de permanecer belo para sociedade inglesa, tendo em vista que, enquanto for belo, será bem-visto e querido, mas com o tempo a beleza acaba e ficará feio como os demais homens e será esquecido. A influência do amigo deixa em evidência o verdadeiro Gray, um garoto mimado, excêntrico, que gosta de ser o centro das atenções e do fascínio que possui sobre o outro. Diante do retrato, entende que a beleza é passageira e isto o aflige, de tal modo manifesta a vontade em continuar sempre jovem como no momento em que o quadro foi finalizado e assinado. Em nome desse desejo e da angústia que sente, foi capaz de pronunciar o pacto fáustico para permanecer sempre belo, sedutor e jovial. Através do quadro a personagem teve a possibilidade de ver o reflexo da sua própria alma, o seu próprio eu, como era de fato e a beleza exuberante que possuía.

Reafirma o pacto que almeja realizar, porque deste modo permaneceria jovem e belo. E a figura do quadro envelheceria dia após dia em seu lugar.

– Tenho inveja de todas as coisas cuja beleza não morre. Tenho ciúme do retrato que você fez de mim. Por que ele há de guardar o que perderei? Todo o momento que passa tira-me alguma coisa, para dar a ele. Oh! Se fosse possível o inverso! Se o retrato mudasse, e eu fosse sempre o que sou agora! (WILDE, 2006, p. 35).

Como Dorian pede com tanta ênfase para permanecer jovem e belo, sem importar com a consequência, e que daria em troca do

que anseia a sua alma, por um encanto o seu desejo é atendido, portanto a alma fica presa ao quadro e a beleza inalterável do retrato se prende à personagem. Todavia, o pacto vai além da aparência física, o retrato revela as corrupções e as contravenções, através das modificações que sofre com as ações e atitudes perniciosas do retratado, ou seja, funciona como se fosse um espelho da consciência moral de Gray.

A personagem quando percebe que ocorreu a permuta e não sofrerá nenhuma transformação ocasionada pelo tempo

[...] principia a fazer todas as coisas consideradas abomináveis e sujas, porém, nada disso transparece em sua face, que continua impecável, exatamente como aos seus vinte anos de idade, quando seu retrato fora pintado. Todo sentimento de inveja, ira, maldade, tristeza, tudo o que há de mais horrendo em Dorian é automaticamente refletido em seu retrato através de sua alma (ANJOS, 2014, p. 3).

Dorian se apaixona por uma jovem atriz chamada Sybel Vane. Convida os amigos para assistir à peça teatral protagonizada por ela. Justamente nesse dia, faz uma má atuação, porque ao se apaixonar pelo “Príncipe Encantador”, forma carinhosa como o trata, não consegue demonstrar a paixão, como heroína das tragédias shakespearianas. Por este motivo, Dorian termina o noivado, após humilhá-la pela péssima representação. A jovem atriz desesperada comete suicídio. Antes de saber do ocorrido, decide casar-se com Sibyl Vane, porém seu ato de bondade é desfeito com a revelação de Lorde Henry sobre o suicídio.

Assim, com a influência do amigo decide viver as mais diversas experiências, interessa-se em estudar e pesquisar sobre: tapeçaria, bordado, joias, músicas, religião. Vive egoicamente, possui uma vida de devassidão, de vícios, alcoolismo, drogas, destruiu a si mesmo indo ao encontro do submundo, bem como das pessoas que se aproximavam dele, muitas morreram e outras ficaram

marginalizadas, à mercê da própria sorte. Enquanto, com ele, por ser nobre e belo, não acontecia nada, pois a sociedade inglesa não enxergava, além da bela aparência. A personagem Dorian Gray quase diariamente contempla o quadro, como forma de autoavaliar a sua consciência e ver as transformações ocasionadas na imagem retratada, no qual a beleza de outrora adquire um aspecto grotesco, hediondo e degradante.

Em uma madrugada de novembro, Basil, visita Gray para despedir-se, uma vez que passará muito tempo fora da Inglaterra, aproveita para censurar o seu comportamento e ao mesmo tempo dar bons conselhos ao belo amigo. Este, para vingar-se, leva-o até o retrato e mostra ao pintor, que fica perplexo com o estado degradante/desfigurado da efígie. Ao ver a imagem da alma do amigo tenta salvá-lo, procura uma solução para reverter a situação. No entanto, este em um instante de fúria, pega a adaga e o mata. Pondo fim a sua única chance de salvação.

Depois de muitos anos de extremo prazer, a personagem, decide mudar o seu comportamento e atitude, tornando-se uma pessoa melhor e até conta ao amigo Lorde Henry a sua intenção. Ao consultar o retrato, a imagem desponta que não houve nenhuma “mudança visível, salvo nos olhos, onde luzia uma expressão nova de astúcia, e na boca vincada, um trejeito hipócrita. A imagem odiosa tornara-se, se ainda era possível, mais repulsiva. O orvalho rubro continuava a porejar, mais vivo, como sangue recém-vertido...” (WILDE, 2000, p. 176).

Notamos que Dorian acreditou que conseguiria ludibriar o espelho de sua alma, entretanto, fracassou no seu intento, uma vez que toda a boa ação que praticou ou praticaria era apenas vaidade, desejo de sentir novas emoções. No entanto, a sua consciência continuava a mesma: hipócrita, pernicioso, hediondo, vaidoso. Por fim, entende que para se purificar, precisaria confessar publicamente todos os seus crimes, transgressões e atos libertinos. A personagem acha a ideia monstruosa, repugnante, tendo em vista que se sujeitaria

a ignomínia e seria considerado um louco. Então, pergunta a si mesmo, porque conservava o retrato que agora causava-lhe insônia, o atormentava e era a única prova que o acusava. Decide eliminar qualquer vestígio dos seus crimes destruindo o quadro, desse jeito estaria livre, pega a adaga que matou o seu criador e joga no retrato causando a própria morte.

Comprendemos que sua morte foi causada por si mesmo, pelo seu egoísmo, uma vez que não aceitava o ser repugnante que o retrato da sua alma revelava. Tenta destruir o quadro, mas destrói a si mesmo ao atirar a adaga no coração da efígie. Ele foi encontrado pelos empregados, com uma faca cravada no coração, foi reconhecido apenas pela roupa e acessórios que usava, tendo em vista que se tornou o velho repugnante do retrato e a figura do quadro voltou a possuir a beleza dos 20 anos da personagem Dorian Gray.

Enquanto em *O retrato de Dorian Gray* a personagem principal morre em consequência do pacto com o Diabo, em *Grande Sertão: Veredas* quem morre é o grande amor do pactuante, Diadorim, e é Riobaldo quem narra a história do pacto.

Em *Grande Sertão: Veredas* o narrador-protagonista Riobaldo é quem narra a um desconhecido o pacto que realizou. Com o propósito de demonstrar a Diadorim bravura, enquanto chefe de um grupo de jagunço, bem como ter o corpo fechado para enfrentar e matar Hermógenes, que era o rival do bando e de quem o amado desejava vingança, por ter matado o pai dele. Desta forma, adquiria a admiração e talvez conseguisse tirar Diadorim daquela vida, passando a morar juntos, conforme a história que conta de dois amigos que fizeram um pacto de vida e com medo de um morrer primeiro e depois buscar o outro, decidem sair do cangaço; comprar uma fazenda e construir a casa deles uma próxima da outra, assim poderiam velar por suas vidas.

Do mesmo modo seriam apenas bons amigos que viveriam unidos, tendo em vista que Riobaldo não tinha coragem de declarar e nem admitir para si mesmo que amava um homem. Porém, a

consequência do acordo é a morte de Diadorim, com isto, descobre que ele é mulher. Só tem coragem de admitir o seu sentimento por um homem/mulher quando está velho e aproveita para relatar as peripécias de sua juventude como forma de compreender o que aconteceu consigo, bem como fazer apontamentos sobre a existência de Deus e do Diabo e assim se eximir da culpa que sente pela morte da amada.

O narrador-protagonista, ao narrar a sua história, tenta convencer o desconhecido/leitor que Satã não existe e que o demônio é um mito que inventaram para atormentar o homem. Pois não o viu no momento em que firmou o trato. Veremos o momento que antecede o pacto e depois o acordo. “Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. Carecia. ‘Deus ou o demo?’[...] E em troca eu cedia às arras, tudo meu, tudo o mais – alma e palma, e desalma... Deus e o Demo! – ‘Acabar com o Hermógenes! Reduzir aquele homem!...’ (ROSA, 2001, p. 437). Extraímos no fragmento o desejo de Riobaldo de tornar-se outra pessoa, ou melhor, adquirir uma personalidade mais forte – capaz de matar Hermógenes, para isto, estava disposto a ofertar a sua vida ou a sua alma, tanto para Deus, quanto para o Diabo, quem o atendesse primeiro, em sua ânsia, ficaria com o prêmio. Apesar do medo, foi à encruzilhada e permaneceu por um longo período à espera do pactário que não aparecia. Então, decide chamá-lo:

– Lúçifer! Lúçifer!...’ – aí eu bramei, desengulindo. [...] / – ‘Lúçifer! Satanás!...’ / Só outro silêncio. O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais. / – ‘Ei, Lúçifer! Satanás, dos meus Infernos!’ / Voz minha se estragasse, em mim tudo era cordas e cobras. E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido. Me ouviu, a conforme a ciência da noite e o envir de espaços, que medeia. Como que adquirisse minhas palavras todas; fechou o arrocho do assunto. Ao que eu recebi de volta um adêjo, um gozo de agarro, daí umas tranquilidades – de pancada. [...] Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas! (ROSA, 2001, p. 438).

Como a personagem não obtém nenhuma resposta, só o silêncio angustiante e apavorante, apenas sentiu em seu íntimo que Lúcifer tinha ouvido e aceitado o acordo.

Depois do pacto com Satã, Riobaldo se transforma em um novo homem, decidido e com coragem de enfrentar os seus problemas, sendo um líder perspicaz e melhor do que Joca Ramiro, teve audácia de perseguir o inimigo Hermógenes. Tendo em vista que, com o ritual que realizou, a personagem passou a acreditar em si próprio, ter fé, coragem para lutar pelos seus objetivos, confiou nas palavras que proferiu. “Mesmo o diabo não aparecendo fisicamente na encruzilhada, o protagonista sentiu as forças sobrenaturais agindo dentro de si, sua ‘fé’ permitiu que o pacto fosse efetivado” (ROSSI, 2011, p. 97).

Entretanto, quando idoso, ao rememorar este episódio, a personagem não aceita a efetuação do pacto e cria uma argumentação convincente para persuadir o outro, por meio de um discurso dualista entre o sagrado e o profano para conseguir ser absolvido da sua culpa pelo ouvinte/leitor e, finalmente, ficar em paz com a sua consciência. Deste modo, Riobaldo conclui, “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2001, p. 624). A personagem expõe que o homem é o criador do Diabo, por este motivo, Satã não existe é apenas um mito, o que existe é o ser humano na travessia que são os caminhos que percorrerá durante a vida.

Por este prisma, no romance *Caieira*, Dicke apresenta um Mefistófeles humano, cujo único encantamento que possui é ter o corpo envolvido por cobras, por este fato, as personagens acreditam tê-lo visto e viver na presença de satanáis em pessoa e o denominam de:

Diabo Negro: uma aparição que as vezes se vê cruzando na caieira: um enorme gigante preto com cara equina, meio aberta, que nunca falou com ninguém nem incomodou, só vagueava com sua cara medonha e começaram a dizer que era o Diabo. [...] Então dizia que o Diabo Preto

estava por perto tentando. Aos homens ele influenciava com raivas e ódios de pelear e de se matar, às mulheres com sutis doçuras correndo pelos mais íntimos do corpo, só de se pensar nele... (DICKE, 1978, p. 60).

Assim temos a personificação de Satanás, internalizado nos instintos animais que há nos seres humanos e quando se manifesta é porque o Diabo Negro está por perto. No caso, Pignon é a figura enigmática que está descrita na citação, além de possuir as características descritas acima, possui o corpo envolvido por serpentes; seduz a mulher que aspira, mesmo sendo um andarilho que fica vagueando pelo vilarejo. Está por perto nas tragédias que ocorrem no lugar, como assiste a morte de nhá Mumuca, de Mr. Filler, de Desidério entre outras calamidades. Portanto, afirmamos que o homem está “dentro de um universo mitológico, um corpo de pressupostos e crenças desenvolvidos a partir de suas inquietações existenciais. De tudo isso, a maior parte é inconsciente. Isso significa que nossa imaginação pode reconhecer partes desse corpo [...]” (FRYE, 2004, p. 17) como sendo algo sobrenatural, ou seja, o corpo humano com características fantásticas, conforme acontece com Pignon e o encantamento que produz sobre as cobras. Por causa deste fato, as personagens acreditam que é a reencarnação do Diabo, por sobressair ao que é considerado normal.

É viável retornarmos ao pacto fáustico presente na obra de Thomas Mann, quando a personagem Adrian reúne em sua casa várias pessoas para assumir publicamente a aliança que possui com Lúcifer e como se deu a relação deles. Diferente de Riobaldo, que narra somente a uma pessoa o seu ato diabólico e não admite ter realizado tal pacto. Em *Doutor Fausto*, quem narra a biografia da personagem Adrian Leverkühn, com riqueza de detalhes é o seu amigo de infância Serenus Zeitblom, que deixa transparecer no relato o amor que sentia por Adrian.

Por conta do tema que nos norteia, selecionamos dois momentos distintos nos quais Serenus deixa claro que é o próprio

amigo quem narra. O primeiro é por meio de uma carta, na qual relata o colóquio filosófico, teológico e humanista que teve com Satanás durante algumas horas, fazendo muitos questionamentos sobre a qualidade, o fundamento e a substância do inferno. Contudo, não fica nítido na carta se havia ou não feito o pacto, porque o demônio veio até a residência de Adrian para ratificar o pacto já acordado, ou se de fato tinha conversado com o ilustre ser, pois isto aconteceu durante a noite, após uma crise de enxaqueca, não sabemos se foi real ou devaneio do pactário.

Vejamos o que o visitante pensa de si e a descrição que Adrian faz dele:

[...] tal inspiração não é possível com Deus, que abandona demasiado trabalho ao intelecto. É possível unicamente com o Diabo, o verdadeiro senhor do entusiasmo. Enquanto o sujeito proferia estas últimas frases, uma transformação singular [...] seu aspecto tornara-se diferente: quem estava sentado ali já não se parecia com o rufião ou um marginal, e sim, palavra de honra, com qualquer coisa melhor. Usava colarinho branco, gravata, e no nariz adunco, um par de óculos com aros de chifre, atrás dos quais brilhavam olhos úmidos, sombrios, um tanto avermelhados. A fisionomia aparentava uma mescla de dureza e suavidade: [...] em suma, um intelectual, que escreve para jornais comuns artigos sobre arte e música, teórico e crítico [...] no campo da composição musical [...] voz nasal, nítida, estudadamente maviosa [...] (MANN, 2001, p. 334-335).

Observamos que a personagem Diabo possui um discurso<sup>4</sup> racional sobre a importância que acredita possuir no cosmo, expondo que pode estar ou ser qualquer humano que busca conhecimento, como Beethoven ou que esteja em posição de julgar alguém. Através da metamorfose que sofre, demonstra que o homem é influenciado pelo meio e isto ocorre, visto que é ele quem impulsiona o mundo e deu à humanidade a oportunidade de viver sem nenhuma tutela moral, pois se dependesse de Deus, a humanidade



estaria até hoje no Jardim do Éden. Ressalvamos que Lúcifer colocou-se como a razão e o conhecimento que o homem busca para si, porque devido a ele, a humanidade passou a conhecer o sagrado e o profano, do contrário, estaria vivendo em um mundo melancólico e apático a qualquer coisa.

O segundo momento que a personagem tem voz na narrativa é quando reúne em seu lar cerca de trinta convidados e confessa que há mais de vinte e seis anos está casado com Satã e que não houve nada de miraculoso para celebrar a união entre eles, bastou apaixonar-se por uma prostituta chamada Esmeralda e na relação carnal contraiu a sífilis, a doença sela o pacto. O qual foi confirmado alguns anos depois com a presença do pactário, que lhe vendeu tempo, vinte e quatro anos. Neste período daria inspiração para a personagem compor diversas músicas como “O apocalipse”, bem como no prazo estipulado, finalizaria a sua obra prima, a música “A lamentação do doutor Fausto”, por este motivo fazia tal homilia.

Em contrapartida, o Diabo ficaria com a alma e o corpo, ele teria que renunciar a “[...] tudo quanto vive, de todas as hostes celestes e de todos os seres humanos” (MANN, 2011, p. 350), além disto, “O amor te fica proibido, porque esquenta. Tua vida deve ser frígida, e, portanto, não tens o direito de amar pessoa alguma” (MANN, 2011, p. 351). Percebemos assim que “[...] os demônios também são seres cercados de proibições; eles também estão separados, vivem em um mundo à parte e, inclusive, muitas vezes é difícil distingui-los dos deuses propriamente dito” (DURKHEIM, 2008, p. 78). Posto que, são prepotentes, da mesma forma que seu inimigo e possui procedimento similar, uma vez que exige que Adrian, para segui-lo e ter o que almeja, deveria abdicar-se da vida social e até mesmo do sentimento que torna o homem mais humano, que é o amor e menos egocêntrico.

Segundo Maria da Glória Bordini (1992, p. 59) com esta vedação, Adrian deixou a urbe para confinar em uma granja seu isolamento, que vai do tédio para a exaltação da fama e daí para a

solidão nadificante. Vai da fascinação pelo mórbido para o crime e para o enclausuramento em si, uma verdadeira morte do “eu”. A narração dessa vida atravessa as múltiplas camadas que constituem a História dos homens, para chegar a um não-homem, a uma não-vida, a uma absoluta incerteza sobre seu próprio tema.

Em seguida à declaração, Adrian senta ao piano para tocar a sua grande criação, mas não consegue cantar, curva-se “[...] por cima do instrumento, estendeu os braços, como se quisesse cingilo, e subitamente, parecendo empurrado, caiu do banquinho e prostrou-se no chão ao lado dele” (MANN, 2011, p. 706), ao quebrar com o pacto de silêncio, dar-se-á um choque paralítico/nervoso no compositor que passa a ser um morto-vivo, porque não fala, não anda sozinho e nem reconhece as pessoas, enfim, depende do outro.

Em *Rio abaixo dos vaqueiros*, a personagem Velho também teve um encontro e dialogou com Satanás no palco do circo, porém, diferente da aparição que surgiu para Adrian, com aspecto humano, para a personagem dickeana, apresenta-se como

[...] uma sombra errante azulada como um fogo-fátuo que era só olhos vermelhíssimos como o mais puro dos fogos chamando pelo Velho, sussurrando em sua boca de bruma azul. Se espantaram todos enormemente, vendo que tal aparição não era deste mundo e correram. O palco ficou vazio. Era só uma boca de papas de cerração azulada clamando pelo Velho. O Velho corajoso se adiantou: / – Quem és? / – Sou o terror de seus pais, aquele com quem pactuaste. / – Que queres? / – Quero tua alma, Velho. / E o Velho mostrou-lhe o reluzente punhal de prata, e a sombra desapareceu (DICKE, 2000, p. 194)<sup>5</sup>.

Ao mostrar o punhal, a personagem deixa claro que não almeja ir com o seu sócio, o diálogo é curto e objetivo, bem como a resposta da personagem que depois deste fato, pensa na importância da alma e pede auxílio a Deus, para libertar-se do

pacto. A personagem Fausto teve vários encontros e a oportunidade de falar e conhecer vários ambientes na companhia de Mefistófeles e quando é chegada a hora da partida, vai sem protestar. Dos três a *persona* Adrian foi quem teve uma conversa mais longa com o Diabo, pareciam velhos amigos, que se encontraram e resolveram colocar a conversa em dia; não temos relato do seu último suspiro, apenas seu definhamento.

Já a personagem Riobaldo não conseguiu conversar e nem ter um encontro pessoal com o seu parceiro, pois assim, dava maior veracidade à tese que criou a respeito da não existência do demônio. Igualmente das quatro personagens, é o único que não morreu em consequência do pacto, bem como o realizou por amor, sendo assim, Riobaldo explica que não selou a aliança com sangue. Por sua vez, a personagem Adrian admite ter vendido o corpo e a alma a Satã, assinando com seu próprio sangue a aliança. A personagem Fausto, após uma longa conversa filosófica com Mefistófeles, estabelece algumas cláusulas e deixa cair sobre o papel algumas gotas de sangue para assinar o contrato. No romance que nos norteia na pesquisa, a personagem Velho teve que ir até o cemitério e derramar algumas gotas de sangue sobre o solo, deste modo, a figura mística apareceu lhe dando como celebrado o acordo entre as partes.

Entendemos que o Satanás em *Doutor Fausto* sai do feio para o belo, diferentemente do Diabo Negro em *Caieira* que as demais personagens tinham medo, pois era feio e o grotesco causa repúdio. Adrian, durante o diálogo, sentiu-se confortável na presença do pactário, apesar do frio que sentia. Em *Fausto* a personagem-protagonista caminhou pela cidade em companhia de seu sócio tranquilamente. Aconteceu o oposto com o Diabo Negro, ou melhor, Pignon, as pessoas fugiam e evitavam conversar com a personagem, com exceção às suas três mulheres. Em *Rio abaixo dos vaqueiros*, quando Lúcifer aparece no circo, todos os ocupantes do recinto fogem permanecendo somente a personagem Velho, que era seu pactuário. O Satanás de *Doutor Fausto* apresenta uma faceta nova, dos demais

estudados, deixa de ser o deus dos prazeres, das alegrias sem limites, conforme ocorre em *Fausto* e em *Rio abaixo dos vaqueiros*.

Observamos na composição das personagens Fausto e Adrian que são pessoas estudadas, possuem o conhecimento científico, o primeiro é médico e o segundo é compositor e quase teólogo, buscam o pacto como algo novo ou como o diferencial em suas vidas. Da mesma forma que as personagens Riobaldo e Velho, que possuem o conhecimento empírico, são pessoas simples respectivamente, um foi professor (sem formação acadêmica), jagunço e é um fazendeiro e o outro garimpeiro e fazendeiro.

Embora, a personagem Velho tenha narrado a sua vida na confluência do sagrado e do profano e permeado a dúvida se conseguiria romper com o pacto, no final da narrativa desvenda o mistério para onde foi na última visão que teve do Diabo:

[...] vi um volume de luz surgir à minha frente e assomar-se aquela mesma aparição que já vira na hora do pacto; de entre emanações de brilhos, a cabeça de um bode de longos chifres e de pontiaguda barba, os olhos cintilavam, me olhavam seus olhos com uma espécie de grande satisfação especial, e sobre a sua cabeça, entre os dois chifres, apareceu flutuando numa intensa azulada, gravitação de luz, uma coroa cravejada de diamantes: compreendi então que ele era o rei das escuridões, o pai do mal (DICKE, 2000, p. 328).

Portanto, interpretamos, no fragmento, que o Velho foi para o inferno, pois uma vez selado o pacto esse não se desfaz. Além do mais, por meio da personagem, temos que o homem contemporâneo está sozinho frente à crise existencial que vive em seu cotidiano, não tendo forças sobrenaturais sagradas ou profanas que o tire desta aflição, ao mesmo tempo em que está cercado de pessoas, está no mais profundo isolamento. Pede socorro a Deus e ao Diabo, mas ninguém o salvará nem mesmo o “super-homem” nietzschiano, assim como a personagem Velho, o homem está imerso na escuridão que o Cosmo se tornou para si.

## Referências

- ANJOS, Karen Tatyane C. dos. *O pacto de Dorian Gray e o mito de Narciso*. [s.l.: s.n], 2014, p. 01-09. Disponível em <<http://www.webartigos.com>>. Acesso em: 13 mar. 2016.
- BORDINI, Maria da Glória. “Dr. Fausto e o esgotamento do espontâneo”. In: \_\_\_\_\_. *O pacto fáustico e outros pactos*. *Organon*, v. 06, n.º. 19, p. 53-60. Rio Grande do Sul, 1992.
- DICKE, Ricardo Guilherme. *Rio abaixo dos vaqueiros*. Cuiabá: Lei de incentivo a cultura, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Toada do esquecido e sinfonia equestre*. Cuiabá: Carlini&Canaiato, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Madona do Páramos*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: INL, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Caieira*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Trad. Joaquim Pereira Neto. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.
- \_\_\_\_\_. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Trad. Alberto Maximiliano. São Paulo: Nova Cultura, 2002.
- KAIMOTI, Ana Paula Macedo Cartapatti; MOREIRA, Wildilene Pereira. O Fausto De Johann Wolfgang Goethe como tragédia. *Web Revista Diálogos & Confrontos Revista em Humanidades*. vol. 01 – 1º Semestre – jan. – jun. Dourados-MS, 2012. Disponível em: <<http://www.uems.br>>. Acesso em: 26 dez. 2014.
- MANN, Thomas. *Doutor Fausto: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo*. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo: maldição contra o cristianismo*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19 ed. São Paulo: Nova

Fronteira, 2001.

ROSSI, Francieli Santos. Considerações do pacto em *Grande sertão: veredas*. *Revista Magistro*. v. 02, 2011. Disponível em: <<http://www.unigranrio.br>>. Acesso em: 28 dez. 2014.

SOUZA, Ederson Fernandes. *Imagem em estilo: Toada do esquecido de Ricardo Guilherme Dicke*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Linguagens – UFMT, Cuiabá-MT, 2012. Disponível em: <<http://www.ufmt.br>>. Acesso em: 24 maio 2014.

SPERBER, Suzi Frankl. O pacto: tradição e utopia. In: \_\_\_\_\_. O pacto fáustico e outros pactos. *Organon*, v. 06, n.º. 19, p. 69-83, Rio Grande do Sul, 1992.

STORNIOLO, Ivo e BALANCIN, Euclides Martins. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Pastoral, 1990.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Trad. João do Rio. São Paulo: Hedra, 2006.

## NOTAS

<sup>2</sup> Entendemos que alguns homens deixam em evidência o seu lado demoníaco como, para o povo judeu, Adolf Hitler.

<sup>3</sup> De acordo com a prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Eloá Heise, no artigo *Fausto a busca pelo absoluto*, expõe que Goethe escreveu três peças que envolvem o pacto sendo: *Fausto Zero*, *Fausto I* e *Fausto II*. O livro que possuímos é denominado apenas como *Fausto*, mas pelas características que a estudiosa apresenta no artigo, entendemos que se trata de *Fausto I*.

<sup>4</sup> A conversa entre o Diabo e Adrian está localizada no capítulo 25 e é longa, mais de 40 páginas. Expomos o que interpretamos de acordo com a pesquisa proposta e a leitura do referido capítulo.

<sup>5</sup> A partir desta citação faremos um paralelo com as personagens das quatro obras: *Rio abaixo dos vaqueiros*, *Fausto*, *Doutor Fausto* e *Grande sertão: veredas*, com a intenção de mostrar a particularidade que possuem ao abordarem a mesma temática em épocas e períodos literários distintos. Em relação ao romance *O retrato de Dorian Gray*, não é possível fazermos tal comparação, uma vez que não há na obra elementos suficientes.

Recebido em: 30/06/2016

Aprovado em: 01/08/2016